



UFSM

**Centro de Educação
Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

Artigo Monográfico de Especialização

**EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM
ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
JI-PARANÁ**

Jusiany Pereira da Cunha dos Santos

Ji-Paraná, RO, Brasil

2010

**EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM
ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
JI-PARANÁ**

por

Jusiany Pereira da Cunha dos Santos

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

**Ji-Paraná, RO, Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo
Monográfico de Especialização.

**EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS
SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE JI-PARANÁ**

Elaborado por:
Jusiany Pereira da Cunha dos Santos

como requisito parcial para obtenção do grau de
***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos***

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Ms. Betina S. Guedes

Prof^a. Especialista Alexandra dos Santos Rosa

Prof^a. Ms. Camila Righi Medeiros Camillo

Ji-Paraná, RO, Brasil
2010

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE JI-PARANÁ

AUTOR: Jusiary Pereira da Cunha dos Santos
ORIENTADOR: Betina S. Guedes
Ji-Paraná,RO

RESUMO

Este artigo focaliza experiências e práticas pedagógicas de inclusão de surdos em Escolas do Município de Ji-Paraná. Com esse trabalho busquei refletir sobre a Educação dos surdos em Ji-Paraná, principalmente no que se refere às práticas pedagógicas destinadas a esses alunos, estabelecendo relações com as principais tendências educacionais existentes na atualidade. No decorrer desse processo também, problematizo o papel dos docentes na educação de surdos diante da realidade vigente, assim como, as práticas pedagógicas utilizadas para melhor atender aos educandos surdos inseridos nas salas regulares e atendidos nas salas de recursos. Para desenvolver esse trabalho fiz observações e entrevistei professores de surdos, tendo como foco as suas experiências pedagógicas junto a esses alunos. Na análise dos materiais produzidos constatee vários pontos que devem ser repensados com urgência, porém também observei o quanto já avançou-se nesse Município frente às condições disponibilizadas aos professores. Após finalizar essa pesquisa, sinto-me motivada a continuar procurando por propostas e estratégias que favoreçam as intervenções pedagógicas dos professores com os alunos surdos, para que alcancemos uma educação mais humanizada e libertadora.

Palavras Chaves: práticas pedagógicas, surdos, LIBRAS, inclusão escolar.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	05
2. CONTEXTO DA PESQUISA	07
2.1. A educação dos surdos e nossas experiências em Ji-Paraná.....	08
3. CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO: A INCLUSÃO ESCOLAR DOS SURDOS	09
3.1. As tendências educacionais.....	12
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS MATERIAIS.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
7. ANEXOS.....	26

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar experiências e práticas pedagógicas dos profissionais da Educação do Município de Ji-Paraná em relação à inclusão dos surdos no ensino regular, enfocando com maior ênfase, os atendimentos realizados nas Salas de Recursos. Pretendo com esse trabalho refletir sobre a educação dos surdos de Ji-Paraná, principalmente no que se refere às práticas pedagógicas destinadas a esses alunos, estabelecendo relações com as principais tendências educacionais existentes na atualidade. No decorrer desse processo, pretendo também, problematizar o papel dos docentes na educação de surdos diante da realidade vigente, assim como, as práticas pedagógicas utilizadas para melhor atender aos educandos surdos inseridos nas salas regulares e atendidos nas Salas de Recursos.

Minha motivação para desenvolver tal pesquisa decorreu das muitas situações que os alunos surdos que cursam o Ensino Fundamental vivenciam no meu Município. Para tanto, entrevistei professores de escolas Municipais buscando conhecer suas estratégias de ensino, seus relatos de experiências e práticas pedagógicas. Visitei as escolas, conversei com os professores envolvidos nesse processo de educação dos surdos e analisei alguns portfólios que são periodicamente elaborados e encaminhados por esses profissionais à Secretaria Municipal da Educação de Ji-Paraná. Esses portfólios são utilizados com a finalidade de comprovar os avanços dos alunos com necessidades especiais nas escolas regulares e prover o recebimento de gratificação por parte dos professores que trabalham com esses alunos.

Meu interesse em focar esse tema no trabalho de conclusão de especialização deve-se ao meu contexto de atuação profissional. Trabalho tanto com docentes de alunos surdos em contextos de formação, quanto com esses alunos surdos no Atendimento Educacional Especializado (AEE) realizado nas escolas. Atuando nesses dois contextos constatei dificuldades diversas em termos

pedagógicos e metodológicos, que me conduziram a agora refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos surdos em Ji-Paraná.

Para desenvolver esse trabalho investiguei as experiências junto aos docentes envolvidos com a educação de surdos nesse Município, assim como seus relatos de experiências e práticas pedagógicas obtidas nas entrevistas. Pretendo com essa pesquisa, mobilizar os docentes a discutir e experimentar diferentes estratégias pedagógicas e práticas inclusivas que se adaptem às nossas realidades, e que tenham por eixo fundamental o respeito à diferença surda, concebendo os surdos enquanto sujeitos com cultura e língua próprias.

Com base nesse entendimento, enfatizo que não podemos reduzir a surdez a uma limitação auditiva, considerando-se que em um viés cultural a surdez não constitui uma condição de deficiência, e sim uma diferença. Mas ao trabalhar com os docentes de alunos surdos percebo que há dificuldades diversas nas abordagens e práticas pedagógicas, sendo necessário repensar posturas e buscar alternativas para que seja possível aos alunos construir aprendizagens dentro e fora dos muros escolares.

Ao trabalhar com professores de alunos surdos venho percebendo em suas falas a dificuldade dos alunos em aprender e assimilar os códigos convencionais da Língua Portuguesa. Sendo assim, o maior desafio na formação dos docentes tem sido promover uma educação bilíngue, definindo a LIBRAS como primeira língua para os alunos surdos e a Língua Portuguesa (escrita) como segunda língua.

Considerando a necessidade de se focar o desenvolvimento linguístico da criança surda, possibilitar a aquisição da Língua de Sinais, é condição fundamental para que esses alunos não se tornem segregados ao processo educacional. Tendo em vista a ocorrência de atrasos no desenvolvimento dos surdos, gerados pela falta de acesso a uma língua, parcerias com fonoaudiólogos, psicólogos entre outros profissionais, muitas vezes, se fazem necessárias para que essas crianças tenham condições de acompanharem o ensino regular da maneira mais adequada possível. Ressalto que é de extrema importância que esses profissionais que trabalham com surdos, aprendam a Língua de Sinais e mantenham contato com a comunidade surda, para que venham a conhecer sua cultura, e impreterivelmente estabeleçam uma comunicação com esses sujeitos quer sejam surdos ou deficientes auditivos por não compartilharem da mesma condição de viver a surdez.

Frente a esse entendimento da surdez que argumento, coloco foco na necessidade da escola regular embasar-se no bilinguismo para pensar a educação de surdos. Por meio deste ambiente bilíngue é que de fato os alunos têm possibilidades de realizar suas construções, partilhar saberes, e até sentimentos, sendo a primeira língua a LIBRAS e a segunda língua a Língua Portuguesa.

Mesmo havendo questionamentos sobre as modalidades de ensino, enfatizo que o método mais adequado para o ensino dos surdos é o bilíngue, pois além de oferecer aos alunos surdos condições de aprendizado e desenvolvimento efetivos por priorizar a LIBRAS, está regulamentado no Decreto nº. 5.626/05. A legislação vigente prevê a organização de turmas bilíngues, orienta para a formação inicial e continuada de professores e de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais. É por esse território político, linguístico e cultural que essa pesquisa estará transitando.

2. CONTEXTO DA PESQUISA

O início do Atendimento Educacional Especializado aos surdos nas escolas municipais de Ji-Paraná deu-se em maio de 2004. Nesse período, tive a oportunidade de trabalhar como professora de Sala de Recursos. Meu primeiro contato com a Língua de Sinais foi através de um CD, posteriormente participei de encontros na SEMED (Secretaria Municipal da Educação) e na SEDUC (Secretaria Estadual da Educação), para estudar LIBRAS. Coloquei o aprendizado da Língua de Sinais como meta profissional, com a intenção de melhorar a minha comunicação com os três surdos que atendia na época.

Depois disso, fiz vários cursos, uma pós-graduação em LIBRAS, e hoje trabalho como intérprete de Língua de Sinais e formadora de professores para o trabalho com surdos. Atualmente continuo esse percurso de estudo e pesquisa, procurando novos meios para que a aprendizagem destes alunos ocorra de forma significativa, proporcionando-lhes a oportunidade de empreender algo novo e imprevisto, dando-lhes condições mais favoráveis para atingir o saber a aprender. Tendo como base a utilização de recursos visuais, a LIBRAS como primeira língua de forma contextualizada e significativa, com ilustrações e gravuras, com conteúdos

e recursos compatíveis, procuro de forma gradativa, ir reconstruindo práticas para sempre aprimorar o atendimento a esses alunos.

Considero que não há limites para um trabalho comprometido com o ideal de fazer e refazer práticas pedagógicas, e que ainda há muito por fazer e repensar na educação dos surdos do Município em questão. A postura que assumo é a de estar em constante procura, frente à necessidade de auxiliar esses alunos, mesmo com tantas dificuldades. Creio que há aprendizagem todos os dias e que somos capazes de trocar experiências e produzir avanços na escola. Talvez este seja o maior objetivo ao se trabalhar com alunos surdos, dar condições de comunicação e aprendizado, incluindo-os em todos os contextos.

2.1. A educação dos surdos e nossas experiências em Ji-Paraná

Partindo de recomendações do SEESP/MEC nasceu o projeto para o Atendimento Educacional Especializado dos alunos com necessidades educacionais especiais. Em maio de 2004, na sala de recursos da Creche Municipal Maria Antonia, iniciei esse trabalho. Nessa época atendia três alunos surdos e não havia instrutores ou intérpretes fluentes em Língua de Sinais atuando na Rede Municipal. Nesse período, conheci a professora Nelli que havia feito um curso de LIBRAS no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Infelizmente ela só auxiliava no atendimento a esses alunos uma vez por semana no Núcleo de Tecnologia da Representação de Ensino Estadual (REN), e em dezembro de 2004 mudou-se do Município.

Iniciei o aprendizado da Língua de Sinais através de um CD que a SEMED (Secretaria Municipal da Educação) disponibilizou aos professores, providenciei que o mesmo fosse instalado no computador da sala de recursos e comecei a estudar a Língua por temas. Elaborava as aulas a serem ministradas aos surdos com base nesses estudos fragmentados e em cada semana transmitia aos alunos o tema que havia estudado na semana anterior e assim sucessivamente. Embora possa parecer pouco, as famílias antes sem instrução alguma, que se comunicavam com seus filhos apenas por gestos e mímicas, aceitaram o apoio. Frente aos resultados

obtidos com essa intervenção realizada na sala de recursos, pude verificar que quanto mais precoce for o atendimento aos alunos surdos e o contato com a Língua de Sinais, mais facilmente se dará o processo de aprendizagem desses alunos. Como sugere Quadros (2006, p.28):

“A riqueza de informação se torna fundamental. A interação passa a apresentar qualidade e quantidade que tornam o processo educacional rico e complexo.”

No ano de 2005 tive a oportunidade de participar do meu primeiro curso de LIBRAS com carga horária de 40 horas com um instrutor surdo. O próximo curso ocorreu somente em agosto de 2007, e posteriormente em dezembro, o SENAI ofertou outro curso de 120 horas. Em 2008 a UNIRON ofertou uma Pós - graduação em LIBRAS e o Município me permitiu cursá-la. Ainda hoje temos muita carência de profissionais, porém passo a passo, temos vivenciado situações de construção e reconstrução junto aos alunos e á comunidade surda.

3. CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO: A INCLUSÃO ESCOLAR DOS SURDOS

A trajetória dos surdos ao longo da história foi marcada por lutas políticas que vêm atualmente tendo resultados positivos, principalmente a partir da década de 90. A Língua de Sinais que era proibida e considerada apenas mímicas e gestos, hoje com base na Lei que a oficializou, passou a ter status e reconhecimento legal no Brasil, com gramática e estrutura lexical próprias. Anteriormente, havia apenas uma visão fortemente clínica da surdez e os surdos eram conceituados exclusivamente como deficientes auditivos. Hoje a surdez pode ser vista dentro de um enfoque antropológico-cultural, passando a criar e constituir uma diferença política (LOPES, 2007).

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi oficializada pela Lei Federal 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, mas apesar disso segue desconhecida pela maioria das pessoas, tal como outros idiomas minoritários, como diversas línguas indígenas. A LIBRAS ainda não possui o devido reconhecimento

social, e sua utilização vêm sendo restrita a locais onde os surdos se reúnem tais como, escolas de surdos e associações.

No contexto escolar percebe-se a falta de conhecimento de muitos educadores que alegam não terem sido preparados na sua formação inicial para trabalhar com alunos surdos. Essa falta de preparo dos professores acaba por reproduzir estereótipos em relação a esses alunos, tais como, posicionar o aluno surdo na sala de aula nas primeiras carteiras e falar de frente para ele pausadamente. Essa visão equivocada da surdez tem suas bases ancoradas na abordagem educacional oralista, que visava desenvolver a habilidade do aluno surdo de aprender a falar e a realizar a leitura orofacial. Essa perspectiva se mostrou equivocada e só contribuiu para a manutenção das dificuldades escolares dos alunos surdos e para a evasão escolar.

A proposta de incluir a criança com necessidades educacionais especiais na escola tem origem na Declaração dos Direitos Humanos (1948) que assegura o direito de todos à educação. Confirma-se na Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1990 na Tailândia e consolida-se com a Declaração de Salamanca que aponta a educação inclusiva como a forma mais eficiente de promover a educação para todos.

Segundo material do MEC de 2004, intitulado “O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da Rede Regular”, a inclusão é uma responsabilidade governamental e o Ministério da Educação apóia a implementação de uma nova prática social que atenda a TODOS, independentes de suas necessidades educacionais especiais atendendo a Constituição Federal em seu Art. 206, Inc. I, que garante “Igualdade de condições de acesso e permanência na escola”. A LDBEN em seu Art. 58 em consonância com a Legislação em vigor e Políticas de Educação Especial SEESP/MEC, onde são fixadas Diretrizes e Normas para Educação Especial na Educação Básica, prevê o Atendimento Educacional Especializado para alunos surdos, que atenda suas especificidades, com intérpretes de Língua de Sinais, professores de português e outros profissionais como fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, etc.

O Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução nº 02/2001, que institui as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica incluindo os alunos surdos no grupo daqueles com dificuldade de comunicação e

sinalização, diferenciada dos demais alunos, e que demandam a utilização de linguagens e códigos aplicáveis. Conforme o parágrafo 2º do Art. 12 desta Resolução:

“Deve ser assegurada, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de sinalização diferenciada dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos curriculares mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema BRAILLE e a Língua de Sinais, sem prejuízo no aprendizado de língua portuguesa, facultando-lhes e as suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequadas, ouvindo os profissionais especializados em cada caso.”

No município de Ji-Paraná há como suporte e embasamento legal a Resolução Estadual nº 138/2000 do Artigo 37 até 48 que tratam da Educação Especial como modalidade para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais. Também há citação de qual é a clientela com necessidades especiais, sendo:

- Altas habilidades;
- Condutas típicas;
- Deficiência auditiva;
- Deficiência física;
- Deficiência mental;
- Deficiência múltipla;
- Deficiência visual.

Trata também da quantidade permitida de alunos em cada sala regular, assim como do ensino itinerante, das salas de recursos, do atendimento domiciliar, da classe especial, da classe hospitalar, da escola especial, da terminalidade específica, da educação profissional, etc.

Há também o Decreto 10770 que regulamenta a Lei nº 1535 de 26 de Setembro de 2006, onde é autorizado o pagamento de gratificação mensal aos professores da rede municipal, estabelecendo critérios e normas, sendo que a gratificação é de 20% sobre o vencimento mensal.

A Lei nº 1716 de 18 de dezembro de 2007 introduziu modificações na Lei nº 1535 de 26 de setembro de 2006 sobre a gratificação dos professores que atuam em educação infantil e em séries iniciais do ensino fundamental que tem alunos com necessidades especiais e ao professor intérprete de Libras, bem como instrutores de alunos surdos.

A Instrução Normativa da SEMED (Secretaria Municipal da Educação) nº002/2008, define normas de avaliação do rendimento de alunos dos professores beneficiados pelas Leis 1535/2006 e 1716/2007. Sendo interessante citar o artigo 11

§ 1º onde é citada a documentação necessária para montar o processo solicitando a gratificação.

A Instrução Normativa de SEMED 003/2008 que substitui a instrução 001/2008 de 15/02/2008 e dão outras providencias sobre matrícula e ou rematrícula dos alunos com necessidades especiais, bem como o número de vagas que devem destinar-se de acordo com a deficiência. A escola deve garantir em cada sala regular, até duas vagas para alunos com a mesma deficiência, sendo que quando se trata de deficiência múltipla e autismo deve ser garantida apenas uma vaga por turma.

Essas são as principais determinações legais que regem a educação no Município de Ji-Paraná, e que embasam a atuação dos professores e o cotidiano das escolas.

3.1. As tendências educacionais

As políticas públicas para a educação dos surdos, de uma forma geral, estão voltadas para o acesso e permanência dos mesmos nas escolas regulares, por isso alguns mecanismos foram criados como citou Skliar (1998) quando descreve as idéias dominantes. O autor argumenta que os surdos vêm sendo colocados na condição de deficientes, pois para os que não conhecem a cultura surda a surdez é vista como desvio de normalidade. Pode-se dizer com Skliar (1998b, p. 19), que “a educação de surdos não fracassou, ela apenas conseguiu os resultados previstos em função dos mecanismos e das relações de poderes e saberes atuais”. Todo esse movimento de produção da deficiência deve-se a crença difundida ao longo da história de que os surdos poderiam ser oralizados, que poderiam mascarar a questão da diferença de identidade com terapias fonoaudiológicas e inúmeros treinamentos. Alguns ainda hoje afirmam que se a criança surda começar a ter contato com a LIBRAS jamais aprenderá a falar.

Percebo que as iniciativas de algumas instituições de ensino ainda mostram-se tímidas e as questões metodológicas ainda ficam a desejar. Dentre as possibilidades existentes quero expor as três tendências pedagógicas que tem

norteado a educação dos surdos, e concomitantemente traçar um breve histórico da educação dos surdos. São elas:

* Oralista: filosofia educacional que proíbe a língua de Sinais e impõe a língua oral aos surdos, essa tendência foi considerada o grande marco da segregação na história dos surdos, tendo seu ápice em 1880 no Congresso de Milão. Esse Congresso, segundo Skliar (2005), provocou a demissão dos professores surdos das escolas, a erradicação da Língua de Sinais e a celebração do Oralismo, ou seja, da imposição da língua falada. Foi decidido também que os surdos deveriam ser capacitados na modalidade oral usando a recepção da linguagem pela via auditiva devidamente treinada, e a leitura orofacial para o estabelecimento da comunicação. Essa tendência educacional perdurou fortemente por quase cem anos, aproximadamente até a década de 1970.

* Comunicação total: utiliza todo e qualquer recurso possível, no intuito de potencializar quaisquer interações sociais, baseando-se no uso tanto da língua oral quanto da língua gestual. Goldfeld (1997) afirma que, no final da década de 1970, essa tendência educacional chegou ao Brasil, como uma nova forma de trabalho com os surdos. A comunicação total articula a língua de sinais com outras formas de comunicação (mímicas, desenhos, escrita, etc.). Para Perlin (SKLIAR 2005, p.68) no Cap. III sobre as Identidades Surdas no Livro A Surdez: Um olhar sobre as diferenças cita que essa tendência também traz prejuízos á educação dos surdos, pois :“Admite o oralismo, bimodalismo, arte, teatro, (...) em resumo traz os mesmos efeitos da posição anterior”.

* Bilinguismo: tendência defendida por grande parte dos estudiosos da cultura surda e dos surdos. Visa capacitar o indivíduo surdo para a utilização de duas línguas na escola e na vida social. Quando a escola oferece uma educação bilíngue assume uma política lingüística, que define a Língua de Sinais como a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para o surdo.

Nesse sentido a Língua de Sinais deve ser, impreterivelmente, a primeira língua para os surdos, para que estes tenham condições lingüísticas de aprender o Português como segunda língua e com base nessa articulação possam desenvolver os demais aprendizados. Para Fernandes (apud SÁ, 2003, p.3),

“Quando se defende a língua de sinais como primeira língua não se está afirmando que o desenvolvimento cognitivo depende exclusivamente do domínio de uma língua, mas se está crendo que dominar uma língua garante melhores recursos para as cadeias neuronais envolvidas no desenvolvimento dos processos cognitivos. Assim, objetivamente, o que pretendem os defensores do “bilinguismo” é garantir o domínio de uma língua para dar bases sólidas ao desenvolvimento cognitivo do indivíduo.”

De acordo com L’Epée (SKLIAR, 2005) a língua de sinais é concebida como a língua natural dos surdos. Skliar (2005, p.27) ainda acrescenta:

Pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política lingüística, a partir do qual se pode sustentar um projeto educacional mais amplo. Mas este processo não deve ser considerado apenas como um problema escolar e institucional, tampouco como uma decisão que afeta tão somente certo plano ou certo momento da estrutura pedagógica e, muito menos ainda, como uma questão a ser resolvida a partir de esquemas metodológicos. É um direito dos surdos e não uma concessão de alguns professores em algumas escolas (SKLIAR, 2005, p.27).

Convém lembrar que a língua oral foi imposta no Congresso de Milão em 1880, pois os ouvintes decidiram acabar com o gestualismo, contando com o consentimento e cumplicidade da medicina, saúde, pais e familiares dos surdos. Porém o fracasso das representações dos ouvintes foi por não observar o sujeito surdo, por não entender que os resultados encontrados foram condizentes com os mecanismos de imposição utilizados.

A necessidade de uma educação bilíngue para os surdos começou a ser estudada a partir da década de 60, ao constatar-se que a língua de sinais por empregar um canal visual coexiste com o pensamento dando forma e objetividade à comunicação dos surdos. O bilinguismo ainda é relativamente pouco difundido no cenário educacional, o que vem impulsionando movimentos sociais e pesquisas nas áreas da Linguística e da Educação a divulgar essa filosofia.

O bilinguismo visa dar acesso ao aluno surdo à duas línguas, primeiramente a Língua Brasileira de Sinais (L1) e posteriormente a língua portuguesa em sua modalidade escrita (L2). Nesse processo a LIBRAS é tida como fator indispensável à escolarização do aluno surdo, para a preparação para o trabalho e para o desenvolvimento pessoal e social. Conforme Quadros (2006, p.111)

“a língua portuguesa é a L1 de crianças ouvintes brasileiras e, necessariamente, deverá ser ensinada de forma diferente para crianças surdas que adquirirão como L2. Além do fato de a língua portuguesa não ser a L1 do surdo, há a questão da diferença na modalidade das línguas. (...) Dessa forma o ensino da L2 – língua portuguesa – para surdos

apresenta questões mais complexas que exigem mais investigação. O processo de aquisição de uma L2 em crianças surdas depende de, no mínimo dois, pré-requisitos: a) a garantia de um processo natural de aquisição de uma L1 e (b) a aquisição da língua escrita, isto é, da alfabetização.” (QUADROS, 2006, p.111)

Segundo Goldfeld (1997, p.38) para que de fato tenhamos um ambiente bilíngue para o aluno surdo, é preciso que se pense em uma proposta bilíngue-bicultural com a presença das duas línguas.

O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país [...] os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez (GOLDFELD, 1997, p.38).

As experiências são recentes, exigindo cuidados especiais e formação de profissionais habilitados, entretanto a prática educacional nos aponta a necessidade de investimentos e pesquisas sobre a cultura surda, aspectos linguísticos, e dentre os desafios a inclusão social e escolar desses sujeitos. Isto nos permite refletir sobre práticas mais inclusivas que de fato respeitem a diferença surda. Torna-se então, importante dar ênfase ao que eles acreditam, uma vez que ao longo da história não tiveram muitas possibilidades de expressar suas necessidades e sentimentos. Tendo esse entendimento torna-se possível perceber o que os surdos têm a dizer, permitindo que escolham por si e nos apontem trocas discursivas significantes para que de fato sejam aceitos como sujeitos e respeitados em suas diferenças.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS MATERIAIS

Esse trabalho baseia-se em uma pesquisa descritiva por implicar uma partilha com pessoas, fatos ou locais que irão constituir a mesma. SILVA (2001, p.21) descreve:

“visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas

padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.”

Mantive contato direto com o ambiente e a situação que está sendo objeto de estudo, acredito ser relevante à preocupação com um contexto cultural amplo, levando em consideração a vivência destes indivíduos, ao se pensar no processo ensino e aprendizagem.

O campo de pesquisa caracteriza-se da seguinte forma: são 05 escolas do Ensino Fundamental de Ji-Paraná, onde há alunos surdos matriculados. Esses alunos frequentam as salas regulares e na maioria dos casos no horário oposto são atendidos nas Salas de Recursos.

Este trabalho originou-se a partir da observação e reflexão acerca das dificuldades encontradas (pedagógicas e metodológicas) em minha prática profissional; no desejo de desenvolver práticas pedagógicas de forma prazerosa e significativa aos alunos surdos nos momentos de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e despertar nos docentes a busca por uma inclusão que nos possibilite reconstruir nossas conquistas no processo de ensino/aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

O questionário foi aplicado com 06 professores de salas regulares, 03 professoras de AEE e com um Instrutor de LIBRAS. Também fiz várias visitas nas escolas onde apliquei o questionário, por ter percebido que os mesmos foram preenchidos de forma não pontual, com respostas resumidas e algumas vezes fragmentadas, em outras situações o docente nem ao menos respondeu todas as perguntas.

Na primeira escola apliquei o questionário com a professora G. e com a professora de AEE B. Observando seus questionários e por conhecer o trabalho dessas professoras, percebi que elas não registraram na íntegra suas práticas, alegando não ter tempo, por estarem com muitas atividades pendentes. As duas professoras me disseram: “Você sabe como é minha prática, conhece as estratégias que uso, pode responder...” (SIC).

No anexo constam os questionários preenchidos por elas. Algumas perguntas ficaram sem resposta, embora tenha percebido que ambas são boas professoras, sendo que a professora G se esforça um pouco mais com seu aluno.

No questionário a professora G descreveu algumas de suas estratégias pedagógicas. Realmente observando sua aula, o interesse e o apego do aluno, percebo que sua escrita aqui foi sincera: “Utilizo de estratégias com Libras, materiais concretos com figuras, histórias em Libras, Material dourado, fantoches e outros.”

Outras demoraram pra me devolver o questionário, percebi pouca vontade da parte dessas professoras em falar sobre suas práticas. Algumas vezes perguntei como elas trabalham, para tentar complementar a informação dos questionários, outras vezes participei de alguns momentos em sala de aula. Foi valioso perceber as construções dos alunos, e que muitos desses professores se identificam com os surdos, demonstram interesse de aprender LIBRAS, e mesmo sem formação assumem este compromisso de auxiliar o aluno surdo da melhor maneira possível.

Ao ser questionada sobre como se dá a comunicação entre ela e seu aluno surdo a professora C diz: “Comunico com ele através de sinais, uso um pouquinho do que aprendi.”

Nota-se que a professora se esforça para atender o aluno surdo, porém, em sua opinião ainda faltam algumas ações para melhorar essa relação, como podemos observar:

“Acredito que está melhorando, mas ainda falta muito, na verdade precisaria de um intérprete na sala de aula, porque não posso dar atenção exclusiva ao aluno surdo, pois tenho outros 29 alunos.”

Por mais que nos esforcemos em mudanças de atitudes e de como representamos o surdo é imprescindível que haja de fato intérpretes nas salas regulares, pois não podemos consentir com a falta de recursos humanos competentes que são por direito necessários aos surdos.

Os professores foram quase unânimes citando os jogos, brincadeiras, palavras com gravuras, fotos, cartazes, materiais enviados pelo MEC. Já o Instrutor de LIBRAS surdo, também citou os jogos, as gravuras, alfabeto em LIBRAS. Ele realiza adaptações em algumas brincadeiras fazendo com que os alunos participem de maneira agradável.

Em uma situação, ele escrevia no quadro os nomes das frutas e ensinava os sinais, quando cheguei na escola fiquei observando. Peguei várias gravuras das frutas e entreguei a ele para que mostrasse ao aluno surdo, disse que seria muito importante para ele, pois se trata de um aluno que não está alfabetizado e que ainda

está aprendendo LIBRAS. No final da aula a professora concordou e disse que usando as gravuras fica mais fácil para o aluno perceber cada sinal.

Percebe-se que a figura do Instrutor é uma referência muito importante nas salas de aula para os alunos surdos. Em certa ocasião, nós trabalhávamos os sinais de objetos para higiene e o Instrutor explicou que seria muito bom tomar banho antes de ir para escola, escovar os dentes, usar roupas limpas, mostrou a gravura do perfume e disse que era bom, cheiroso. No encontro seguinte o menino de 7 anos chegou limpo, com o cabelo penteado. Ficamos felizes, pois ele entendeu o que o Instrutor explicou.

Sobre os tipos de texto, os professores concordam que deve ser ilustrado. Apenas uma professora de AEE dramatiza em forma de teatro alguns conteúdos a serem ensinados. Os demais usam os DVDs com histórias em Libras, depois o Instrutor explica a história. Uma das professoras de AEE citou que não concorda que haja somente repetições de palavras descontextualizadas.

A professora L está atendendo pela primeira vez uma aluna surda. Fiquei satisfeita com sua vontade de aprender e com sua curiosidade em relação aos atendimentos. Houve uma situação que em visita a sala de AEE, conversamos com a professora L sobre as dificuldades que ela estava encontrando para o trabalho com uma aluna surda. Mostramos para ela que havia muitos cartazes na sala, todos muitos coloridos, e que um dos motivos das dificuldades de aprendizado da aluna poderia estar sendo a poluição visual. Outro fator que percebemos é a ansiedade da professora, quando a aluna não quer fazer alguma tarefa começa a gritar, chorar daí a professora abre a porta e deixa que ela volte para sala de aula. Conversamos com a professora, explicamos que a aluna já percebeu que ela fica desesperada, que precisa ter mais calma, ser firme. Uma das sugestões foi pedir para que a mãe participasse desse momento, para nossa surpresa a mãe aceitou, compareceu á escola no horário proposto e o atendimento foi bem melhor, apenas em um momento ela demonstrou irritada, continuamos e o encontro valeu a pena para todos nós.

Em relação á questão nove quando foi solicitado que descrevesse o contexto de sala de aula ela acrescentou:

“Ainda é um desafio, pois o espaço escolar está sendo adaptado aos poucos; os profissionais da educação, na sua maioria não sabem comunicar com estes alunos, ficando uma comunicação muito restrita aos professores do apoio pedagógico em LIBRAS (Intérpretes) e alguns professores que interessam em aprender esta nova Língua. A dinâmica da sala de aula é diretamente voltada para o aluno ouvinte, inclusive alguns conteúdos não

fazem sentido para o aluno surdo e é trabalhado e conseqüentemente cobrado igualmente para ambos alunos. É gritante a falta de informação e formação em todas as áreas da EDUCAÇÃO ESPECIAL.”

A fala desta professora também denuncia a falta do intérprete nas escolas, a questão de ser cobrado de igual forma e ainda a falta de informação sobre a educação especial e em especial sobre a surdez. Vejo que em nosso Estado é muito recente toda essa discussão. Iniciamos o estudo de Libras em 2004 como já citei, mas somente em 2005 é que tivemos o primeiro curso de Libras. Ainda não há profissionais suficientes com uma capacitação mínima para atender esses alunos. Existe uma carência muito grande de intérpretes, todas nós estamos enfrentando a situação de forma ainda obscura. Esta é a minha intenção nessa pesquisa, mostrar nossas dificuldades e diante delas mostrar também os avanços, assim como a necessidade de nos colocarmos a pensar sobre a educação de surdos.

A mãe da aluna citada anteriormente, relatou que está muito preocupada por não haver intérprete na sala de aula, disse que teme que a filha não terá o mesmo desenvolvimento das outras crianças, mas infelizmente diagnosticamos que na rede municipal não há intérpretes nas salas regulares, apenas nos momentos de AEE. Creio que faltam muitos profissionais, uma das necessidades mais marcantes é a falta de intérpretes nas salas regulares.

Em relação à professora FS a afirmação foi a mesma em relação a ausência do intérprete em sala regular.

“[...] porém, se tivesse intérprete, o surdo entenderia mais o que está sendo ensinado a ele, sem o intérprete, fica uma coisa meio vaga, sem o conceito real, porque a professora de sala de aula, na maioria das vezes, não tem a formação alguma ou pouca formação para fazer a explicação dum todo e, se perde com a quantidade de alunos em sala, falhando em dar mais atenção ao aluno surdo.”

Observei que nos atendimentos de AEE ela tem usado vários recursos que tem auxiliado os surdos que ela atende, inclusive ela citou como lúdico: “Sempre utilizo o lúdico, é primordial o acolhimento e a aproximação de professor e aluno e o lúdico traz esse benefício rapidamente”.

Porém um fato que é marcante não só com a Professora FS, mas com B e L é a falta dos alunos nos atendimentos. As três professoras relataram que fica difícil dar continuidade aos atendimentos tendo em vista que os alunos faltam com certa freqüência nas salas de recursos.

A professora V demonstra gostar de atender ao aluno surdo, mostrou-se bem interessada com o processo de construção do seu aluno, tem participado com

freqüência dos cursos de capacitação oferecidos pela SEMED, na entrevista citou que:

“Uso muitas figuras, alfabeto móvel e materiais concretos [...]. A aula é muito proveitosa, pois o aluno surdo sente que é aceito pelos colegas e pela escola, apesar de sua limitação de comunicação.”

Em outra situação com as professoras S e N percebi que além do despreparo, soma-se também a falta de interesse por se comunicar com o aluno em LIBRAS. Também notei pouco interesse por participar das capacitações, o discurso delas não é muito diferente do que escreveram na entrevista. Em conversa informal parece ótimo o atendimento, mas ao observar suas práticas e analisar suas escritas constatei que de fato falta não só embasamento a elas, mas também vontade de fazer algo diferente em relação a educação desses alunos.

Em visita à escola que a professora N trabalha pude perceber que quando dá ordens ao aluno surdo sempre grita, este comportamento não é apenas dessa professora. Percebo que quando o profissional que está atendendo ao aluno não percebe a diferença cultural dos surdos sempre vai acreditar que gritando ou oralizando o aluno perceberá sua fala. Essa professora me disse que não se interessa em aprofundar-se na LIBRAS, por ter encontrado muitas dificuldades durante o curso que participou. Abaixo segue o que a professora N escreveu no questionário:

“Quando tinha aluno surdo, senti muita dificuldade, pois nunca havia trabalhado com o mesmo, então me comunicava com ele através de apontamento ou mostrando o que eu queria que o mesmo fizesse.”

A professora K é bem sensata, demonstra paciência com o aluno, nos momentos que faz o atendimento individualizado em sala, e este parece gostar da professora. Sobre os recursos que utiliza citou:

“Uso jogos didáticos que é bem visual, quando passo atividades de coordenação uso libras para explicar ou mesmo gesto quando preciso. E quando necessário sento-me com ele e ali explico como fazer pegando em sua mão.”

Sobre o atendimento do Instrutor nas escolas percebo que contribui muito para a aprendizagem dos surdos, pois eles precisam desta referência, como descreve Curione (2010, p.04), Educador e Consultor de Libras na FENEIS, acrescenta:

“As crianças adquirem a Língua de Sinais, espontaneamente, através da comunicação com pessoas fluentes na mesma [...]. É fundamental que elas tenham contato com surdos adultos [...] para que possam adquirir essa

língua naturalmente e possam adquirir a sua identidade surda, sem bloqueios de comunicação e sem atrasos em seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Assim a Língua de Sinais é para os Surdos o que a língua oral é para os ouvintes[...]. A Língua de Sinais tem uma estrutura e gramáticas próprias, que não são originadas de qualquer língua oral.”

De uma forma geral, em nosso município, os atendimentos são restritos, por haver apenas um instrutor contratado para atender toda a demanda. Ele visita as escolas, atende nas salas de recursos junto com a intérprete e faz visitas nas salas regulares. Em algumas escolas, para auxiliá-lo, até nos propomos a ensinar LIBRAS para que melhore a comunicação dos surdos com os ouvintes.

Sobre as estratégias e os recursos que utiliza para auxiliar os alunos surdos o instrutor citou: “Usar figuras, jogos, brincar, palavras com desenhos, alfabeto e material dourado”.

Em muitas situações, observo que o instrutor percebe quando o aluno tem dúvidas, por meio das expressões, também que tem uma postura de pedagogo, é bem didático ao propor situações aos alunos, embora perceba que ainda reproduz situações de cópia sem significado. O instrutor em algumas atividades não propõe o desafio ao surdo, digitaliza a palavra e a criança escreve sem refletir nas possibilidades de escrita.

Estive na escola da professora C, entreguei uma atividade ao aluno e o instrutor queria sinalizar as letras ao aluno, então expliquei à ele que aquele seria o momento que o aluno deveria escrever do jeito que sabia, sem intervenções que deveria pensar sobre quais letras colocar em frente de cada gravura na atividade, depois expliquei que seria importante saber o que o aluno sabia sobre a escrita. No início o aluno pensou bastante para escrever, mas depois colocou quaisquer letras, apenas para preencher o banco de dados.

Neste dia pude constatar que o aluno usa apenas letras para escrever, embora utilize qualquer uma para representar a escrita, seu nível de compreensão no momento é pré-silábico. Nosso desafio é fazê-lo perceber que não deve utilizar qualquer letra, e que essa letra muda o sentido da escrita.

Sobre a aprendizagem dos surdos o instrutor relatou:

“Perceber demora para aprender porque professor aprender LIBRAS agora começar, alunos surdos dificuldade aprender português porque outra língua, os ouvintes querer ajudar surdos, mas falta apoio famílias”.

De fato muitas vezes percebo essa carência de profissionais e de formação dos profissionais atuantes, tendo em vista que começamos a aprender Libras em nosso município em 2004, e que o primeiro curso como já citei no início deste trabalho somente em 2005.

O instrutor, ao citar a família, por não dar o suporte necessário, remete tal observação à sua própria história, o tempo que demorou a ler e escrever e o quanto ele sofreu com isso. Ele conta que aprendeu LIBRAS depois de adulto, e que por muitas vezes sentiu-se desprezado e ignorado pelos ouvintes.

Hoje ele faz questão de ajudar os surdos, ele sinaliza a importância do atendimento aos mesmos, defende a presença do intérprete nas salas regulares, do atendimento nas salas de recursos. Reivindica também que outros instrutores surdos façam parte dessa equipe, pois são muitas escolas para dar suporte, também temos dois cursos de LIBRAS na SEMED e com certeza o atendimento oferecido aos alunos ainda não é o suficiente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de pesquisar experiências e práticas pedagógicas de inclusão de surdos no meu município surgiu no decorrer desta pós- graduação. Relaciono essa escolha ao fato de trabalhar com alunos surdos há algum tempo e por ter cursado uma especialização em LIBRAS. Essas vivências me levaram a pensar sobre a educação dos surdos, a rever as principais tendências pedagógicas, constatando o quanto foram prejudicados no decorrer da história, e a acreditar que o bilinguismo tem contribuído para o melhor atendimento a esses alunos.

Por meio de diversas leituras, dos documentos legais pesquisados, do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa, das visitas às escolas, das conversas com os professores, pude refazer alguns projetos antes pensados, e perceber os vários pontos que avançamos desde que começamos o atendimento aos alunos surdos em Ji-Paraná.

Hoje sinto-me ainda mais instigada a continuar buscando propostas e estratégias que facilitem a construção dos saberes destes educandos nas escolas. Ao entender a inclusão escolar como um direito de todos os alunos, julgo ser de extrema importância que os professores, por estarem primordialmente envolvidos nesse processo, busquem o aprimoramento de suas práticas com o intuito de atender as diferenças que a inclusão comporta.

Não como mera exigência da legislação, mas como algo a ser pensado e construído por todos os participantes desse processo. Sendo assim, torna-se necessário atribuir diferentes funções para a escola, alunos e família, para que cada um atue nesse contexto como participantes do processo de inclusão. Professores e familiares tem o compromisso inadiável com essa discussão para que alcancemos a melhoria do ensino para todos os alunos, em especial os alunos surdos, por terem ficado tanto tempo à margem do conhecimento. O grande desafio é ir além das constatações superficiais e buscar outros caminhos, mesmo diante das fragilidades do atual sistema educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP, Brasília, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva Inclusiva**. MEC/SEESP(2008).

BRASIL. Ministério da Educação. **O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular** / Ministério Público Federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores) / 2ª ed. rev. e atualizada. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

CURIONE, Alex. **Aquisição da Língua de Sinais como Primeira Língua: Direito dos Surdos**. Extraído em 03/05/2010 Disponível em: <http://www.fonojp.hpgvip.com.br/libras/lib06.pdf>.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na Educação Bilíngue para surdos**. Curitiba - PR: SEED, 2006.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 2 ed. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LACERDA, Cristina B. F. **Um pouco das diferentes Abordagens na Educação dos Surdos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101326219998000300007&acript=sciarttext&tlng=pt>. Consulta: 20/07/08.

PERLIN, Gladis T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos. (org); **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. . 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, R. M. de. **Políticas Lingüísticas e Educação de Surdos no Brasil**. In: Congresso surdez: Família, Linguagem e Educação. INES (org.): Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, 2006.

_____ ; SCHIMIÉDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos Surdos**. – Brasília:MEC, SEESP,2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de Surdos**. Disponível em http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/educacao_de_surdos.doc. Consulta: 03/05/2010

SEMED, *Instrução Normativa*. Ji-Paraná/RO, nº 002/2008.

SEMED, *Decreto nº 10770/GAB/PM*, Ji-Paraná/RO, 2006.

SEMED, *Lei nº 1716*. Ji-Paraná/RO, dezembro, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/ Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SKLIAR, Carlos. **A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 24, n.2, p. 15-32, Jul./ dez. 1998.

_____. Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade In: SKLIAR, Carlos (org); **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. . 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

7. ANEXOS

ANEXO 1

Função: Profª A.E.E “ FS”

Nível de ensino/série: Ed. Especial Inclusiva Sala de Recursos – Atendimento Educacional Especializado.

Data: 15/03/2010

Questionário para pesquisa

1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?

Há 04 anos

2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos? 02

3) Qual é a idade desses alunos?

G – 09 anos;

K – 06 anos;

4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?

Fiz vários cursos de Libras, de Intérprete, foram muitas horas.

5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?

Eu tenho facilidade na comunicação com os alunos surdos.

6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?

O aluno G. que iniciei a LIBRAS com ele o ano passado (2009) já tem o básico, aprendeu muito bem, é esforçado e pergunta o sinal daquilo que não sabe, pede explicação, fantástico.

O aluno K. entrou na escola esse ano e estou em fase de aproximação dos pais para ensinar a Língua de sinais que os pais não aceitam, então, neste momento tive um encontro com ele e verificando suas aprendizagens e conversando com os pais (2 vezes), vou tentar de todas as formas que os pais o deixem aprender a Língua porque tem perda total num ouvido e 40% de outro, apesar que, com aparelho que não está usando, o aluno escuta alguma coisinha. Esse é um empasse grande.

7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?

Sempre utilizo o lúdico, é primordial o acolhimento e a aproximação de professor e aluno e o lúdico traz esse benefício rapidamente.

8) O que você entende por cultura e identidade surda?

Cultura – foi criado através das ideologias e necessidades dos surdos, aquilo que dá sentido ao grupo ou comunidade, ex: a língua natural (comunicação); dos juízos de valor, da arte, etc...

Identidade- é a consciência de si mesmo, é aquilo que se identifica na pessoa surda e que não se constitui sozinho mas, através de tendências sociais.

9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?

É o mesmo conteúdo dado aos demais, porém, se tivesse intérprete, o surdo entenderia mais o que está sendo ensinado a ele, sem o intérprete, fica uma coisa meio vaga, sem o conceito real, porque a professora de sala de aula, na maioria das vezes, não tem a formação alguma ou pouca formação para fazer a explicação dum todo e, se perde com a quantidade de alunos em sala, falhando em dar mais atenção ao aluno surdo.

Com os demais colegas em sala, os surdos conseguem ter uma certa interação, isso depende da personalidade do aluno, tem uns mais participativos, outros líderes, outros mais recatado e assim, vai definindo sua interação.

Com o professor, em alguns casos o professor não gostaria de estar com o aluno por medo do que não sabe, em alguns casos, sentem bem estando com o educando e perdem o medo inicial, outros casos, a professora tem abertura e procura um curso, aprende e passa dentro da sala, aprende com o próprio aluno.

ANEXO 2

Função: Professora “C”
Nível de ensino/série: 2º Ano
Data: 14/03/2010

Questionário para pesquisa

- 1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?
É a primeira vez.
- 2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos?
Somente um.
- 3) Qual é a idade desses alunos?
8 anos.
- 4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?
Sim. Iniciante / 60 horas e o Intermediário / 100 horas.
- 5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?
Comunico com ele através de sinais, uso um pouquinho do que aprendi.
- 6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?
Tento passar um pouco para eles e toda quarta-feira, temos o instrutor que é mudo desde o nascimento, que enriquece a nossa aula.
- 7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?
Trabalho com leitura de texto ilustrativo, ditado mudo onde mostro a ele a figura do desenho e depois digitalizamos, procuro trabalhar sempre com material concreto, pois ele ainda não está alfabetizado.
- 8) O que você entende por cultura e identidade surda?
É a interação social que nos socializa. As escolhas sobre o ambiente lingüístico em que o indivíduo crescerá, a opção do uso ou não da língua gestual e a escolha de ajudas técnicas.
- 9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?
Acredito que esta melhorando, mas ainda falta muito, na verdade precisaria de um intérprete na sala de aula, porque não posso dar atenção exclusiva ao aluno surdo, pois tenho outros 29 alunos.

ANEXO 3

Função: Professora de AEE “L”
Nível de ensino/série: Ed. Especial Inclusiva Sala de Recursos – Atendimento Educacional Especializado.
Data: 29/03/2010

Questionário para pesquisa

- 1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?
Este é o primeiro ano
- 2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos? diretamente com 01 aluna.
- 3) Qual é a idade desses alunos?
6 anos.
- 4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?
Já. Curso Básico de LIBRAS de 40 horas; Cursando Intermediário de LIBRAS

5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?
Procuro compreendê-los e dar o suporte pedagógico.

6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?
Está aprendendo agora.

7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?
O meu trabalho baseia –se em intervenções junto a professora da sala regular de ensino e no atendimento na sala de recursos, buscando um trabalho conjunto que possa atendê-la da melhor forma possível. No contato direto são em diálogos, onde busco conhecer os anseios da aluna, da professora e dar suporte para sanar as dúvidas que apresenta.

8) O que você entende por cultura e identidade surda?
Entendo que é a forma que os surdos conhecem, vêem e convivem com mundo. Um mundo silencioso, mas, com expressividade e movimentos prontos a serem decifrados, com significados extremamente importantes para o entendimento visual...

9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?
Ainda é um desafio, pois o espaço escolar está sendo adaptado aos poucos; os profissionais da educação, na sua maioria não sabem comunicar com estes alunos, ficando uma comunicação muito restrita aos professores do apoio pedagógico em LIBRAS (Intérpretes) e alguns professores que interessam em aprender esta nova Língua. A dinâmica da sala de aula é diretamente voltada para o aluno ouvinte, inclusive alguns conteúdos não fazem sentido para o aluno surdo e é trabalhado e conseqüentemente cobrado igualmente para ambos alunos. É gritante a falta de informação e formação em todas as áreas da EDUCAÇÃO ESPECIAL.

ANEXO 4

Função: Professora “V”
Nível de Ensino Série: 3º Ano
Data: 23/03/2010

Questionário para pesquisa

3) Há quanto tempo você trabalha com surdos?
Este é o segundo ano

4) Atualmente trabalha com quantos alunos Surdos?
um

5) Qual a idade desses alunos?
12 anos

6) Você já fez algum curso de Libras? De quantas horas?
Sim 140 horas, no momento estou cursando um intermediário de 40h.

5) como é a sua comunicação com seu aluno(a) surdo(a)?
Língua de Sinais

6) seu alunos(as) sabem língua de sinais?
Sim

7) cite as estratégias que você utiliza para auxiliar seu aluno(a) surdo(a)?
Uso muitas figuras, alfabeto móvel e materiais concretos.

8) O que você entende por cultura e identidade surda? É o meio em que eles se comunicam e aceitam-se sua maneira de viver.

9)Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?

A aula é muito proveitosa, pois o aluno surdo sente que é aceito pelos colegas e pela escola, apesar de sua limitação de comunicação.

ANEXO 5

Função: Instrutor de LIBRAS

Nível de Ensino Série: diversos do 1º ao 4º ano

Data: 29/03/2010

Questionário para pesquisa

1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?

5 anos

2) Atualmente trabalha com quantos alunos Surdos?

06 alunos

3) Qual a idade desses alunos?

De 06 á 12 anos;

4) Você já fez algum curso de Libras? De quantas horas?

Vários;

5)como é a sua comunicação com seu aluno(a) surdo(a)?

Sim comunicar sinais Libras, alguns alunos gestos, mas tinha sinais saber bastante.

6)seu alunos(as) sabem língua de sinais?

Sim. Saber, mas alguns saber pouco.

7)cite as estratégias que você utiliza para auxiliar seu aluno(a) surdo(a)?

Usar figuras, jogos, brincar, palavras com desenhos, alfabeto e material dourado.

8)O que você entende por cultura e identidade surda?

Entendi cultura lugares diferentes, precisar importante respeito lugar, região brasileira. Aqui alunos Surdos sabermos sinais porque já tinha muitos surdos, comunidade encontrar capital, sitio e também instrutor ensinar Libras é bom todos comunicar, desenvolvimento próprio sinais, cultura e identidade.

Identidade também lugares exemplo família pai e mãe ouvintes, mas filho surdo e parecer

ouvinte. Se nunca encontrar surdos para comunicar ás vezes são diferentes, pode fazer gestos.

9)Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?

Perceber demora para aprender porque professor aprender libras agora começar, alunos surdos dificuldade aprender português porque outra língua, os ouvintes querer ajudar surdos, mas falta apoio famílias.

ANEXO 6

Função: Professora K

Nível de ensino/série: Pré II 5 anos

Data: 19/02/2010

Questionário para pesquisa

1)Há quanto tempo você trabalha com surdos?

2010 está sendo o primeiro ano em que estou trabalhando com um surdo na minha sala de aula.

2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos?

01 (um).

3) Qual é a idade desses alunos?

5 anos (apenas um).

4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?

Sim, já fiz. Somando um total de 190 horas para todos os cursos.

5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?

Atualmente tento falar com ele em Libras e também ensinar um pouco para o mesmo, porque o aluno não sabe Libras.

6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?

Ele começou a fazer libras, mas parou sem aprender, isto é uma pena!

7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?

Uso jogos didáticos que é bem visual, quando passo atividades de coordenação uso a Libras para explicar ou mesmo gesto quando preciso. E quando necessário sento-me com ele e ali explico como fazer pegando em sua mão.

8) O que você entende por cultura e identidade surda?

Entendo que esse é o mundo deles, assim como nós ouvintes temos nossas culturas e identidade. Uma cultura essa que precisamos interagir e até fazer parte dela.

9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?

Anexo 7

Função: Professora G

Nível de ensino/série: 1º ano

Data: 18/02/2010

Questionário para pesquisa

1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?

2 anos (2008 e 2009)

2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos?

2

3) Qual é a idade desses alunos?

8 e 9 anos

4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?

Sim na SEMED 60hs.

5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?

No começo foi difícil depois fomos nos adaptando com a Libras.

6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?

A primeira turma sim, porque fomos aprendendo juntos.

7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?

Utilizo estratégias com Libras, materiais concretos com figuras, histórias em libras, material dourado, fantoches e outros.

8) O que você entende por cultura e identidade surda?

Acredito que eles tem sua própria cultura e identidade, independente de suas limitações são capazes de formar idéias, de realizar ações independentes e principalmente escolher sua forma de se comunicar.

9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?

Anexo 8**Função: Professora de AEE B****Nível de ensino/série: Educação Infantil e Ensino Fundamental****Data: 19/02/2010****Questionário para pesquisa**

- 1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?
4 anos
- 2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos?
não
- 3) Qual é a idade desses alunos?
- 4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?
Sim, 280 horas.
- 5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?
Boa. Comunicamos através da Libras.
- 6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?
Como são crianças entre 4 e 6 anos estão aprendendo.
- 7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?
Contar histórias em Libras, figuras em Libras.
- 8) O que você entende por cultura e identidade surda?
Devemos respeitá-los, a sua comunicação, pois faz parte da sua cultura. É como se eles fossem de outro país.
- 10) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?.....

Anexo 9**Função: Professora S****Nível de ensino/série: Pré II 5 anos****Data: 19/02/2010****Questionário para pesquisa**

- 1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?
Trabalhei apenas 2 semanas;
- 2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos?
Com nenhuma;
- 3) Qual é a idade desses alunos?
- 4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?
Sim, um de 60h, outro de 100h e outro de 30h.
- 5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?
Confesso que preciso estudar muito para me comunicar bem.
- 6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?
- 7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?
- 8) O que você entende por cultura e identidade surda?
- 9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?.....

Anexo 10**Função: Professora N****Nível de ensino/série: Pré I 4 anos****Data: 18/02/2010****Questionário para pesquisa**

- 1) Há quanto tempo você trabalha com surdos?
Apenas 1 ano.
- 2) Atualmente, trabalha com quantos alunos surdos?
Atualmente nenhum
- 3) Qual é a idade desses alunos?
4 anos
- 4) Você já fez algum curso de LIBRAS? De quantas horas?
Sim, um de 30hs e outro de 60hs.
- 5) Como é a sua comunicação com alunos(as) surdos(as)?
Como fiz alguns cursos de Libras é através de sinais.
- 6) Seus alunos(as) sabem Língua de Sinais?
Não
- 7) Cite as estratégias que você utiliza para auxiliar os alunos(as) surdos(as)?
Quando surgiu o aluno surdo não tinha nenhuma noção de como trabalhar com ele, entrei no curso de Libras e a partir daí, fui auxiliando de acordo que eu ia aprendendo.
- 8) O que você entende por cultura e identidade surda?
Não Entendo muito, mas acredito que deve ser ensinado língua de sinais para que eles saibam se comunicar e interagir com os demais.
- 9) Descreva o contexto de sala de aula com alunos surdos incluídos?
Quando tinha o aluno Surdo, Senti muita dificuldade, pois nunca havia trabalhado com o mesmo, então me comunicava com ele através de apontamento ou mostrando o que eu queria que o mesmo fizesse.